

Marcos Nunes Vilhena

Uniwersytet Jagielloński, Cracóvia;

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa

APARIÇÕES EM FÁTIMA E PLOCK – OU QUANDO O DIVINO SE INTERESSOU POR POLÍTICA!

Resumo:

O presente trabalho aborda a conveniência política e religiosa das aparições em Fátima e Plock, pois que, ainda que separadas temporal e espacialmente, se parecem integrar em semelhantes contextos de crise política, cultural e religiosa, em dois países tradicionalmente católicos. Prestar-se-á também, e à luz de uma abordagem eminentemente histórica, a uma análise comparada dos factos, iconografia e discurso das “videntes” Lúcia e Faustyna Kowalska, apresentando pontos de semelhança e dissemelhança entre duas nações “mártires”, que, num momento conturbado da sua história, beneficiariam do ascenso político divino para voltar aos rectos caminhos cristãos.

Palavras-chave: crise, conveniência, Fátima, Plock, nacionalismo.

Title: Revelations in Fatima and Plock – or when the Divine got interested in politics!

Abstract:

The following work deals with the problem of the political and religious convenience of revelations in Fatima and Plock. Even separated by some years, the two phenomena seem to become part of a similar background of the political, cultural and religious crisis in two traditionally Catholic countries. In addition, and through an eminently historical approach, a compared analysis of the facts, the iconography and the statement of the "clairvoyants" Lucia and Faustyna Kowalska should be done, showing the similarities and dissimilarities between two "martyr" nations which in a difficult period of their history benefited from a political godlike influence in order to return to the true Christian way.

Key-words: crisis, convenience, Fatima, Plock, nationalism.

“Nada é, a rigor, apolítico”

José Rodrigues Miguéis, do prefácio a *O Milagre Segundo Salomé*.

No princípio do século XX Portugal tem cinco milhões e meio de habitantes. É um país essencialmente rural, pobre e atrasado, com 70% da população analfabeta, e de onde quarenta mil pessoas emigram anualmente. Algumas tentativas de incremento industrial baseadas na “substituição de importações” são cerceadas pela condição de império colonial sob a tutela económica de Inglaterra e mais contribuem para a criação de um liberalismo oligárquico e clientelar, que nem a implantação da república, em 1910, virá mudar. Este novo regime mobilizará o país e apaixonará a opinião pública, assumindo a educação e a colonização como prioridades; e a nova legislação consagra novos direitos de liberdade e cidadania – sob um mesmo hino e bandeira, Portugal é mais que nunca um “estado nação” com acentuada continuidade territorial e significativa homogeneidade cultural. Todavia, o exercício desses direitos engendra grandes contradições, que pronto se manifestam quer na agudização das tensões entre a sociedade urbana, liberal e em vias de industrialização e o mundo rural tradicional, conservador e arcaico, quer na desestabilização política do país, com o Partido Republicano no poder a não conseguir formar governos estáveis e a assumir comportamentos restritivos e repressivos. Tudo isto e a participação de Portugal na I Guerra Mundial só virão agravar as tensões dentro da sociedade portuguesa, que estarão na origem da ditadura de Sidónio Pais e, posteriormente, do Estado Novo.

Comparada com Portugal, que todavia entrava no século XX sem alguns dos factores que marcaram os processos de crise de variados regimes demoliberais europeus, a Polónia parece ter uma história mais atribulada. Quando, já no contexto do pós-guerra, recuperou a sua independência, a pretensão de ser um estado nação perdera-se há muito para a descontinuidade territorial e política – dilemas patentes na agenda política dos novos governantes: alargamento a Oeste ou a Leste? Coeso ou imperial? *Piast* ou *Jagelão*? Com uma vida social, económica, cultural e política que ainda há pouco integrara a de outros estados, também só de forma incipiente e atrasada iniciara um processo de industrialização, sectorial e quase sempre concentrado. O mundo rural dominava a estrutura social e a emigração era um factor estruturante da economia. Grandes cidades como Varsóvia, Cracóvia, Poznan e Lvov funcionavam como únicos pólos de uma cultura para um país em que – releve-se aqui a acção da igreja – 77% da população era alfabetizada¹. Para além disso, o país conhecia minorias nacionais e étnicas, clivagens religiosas e linguístico-culturais e pretensões no espaço europeu, ainda que o seu mesmo espaço fosse, até há pouco, pretensão de três impérios.

¹ Segundo a entrada “analfabetyzm” da *Wielka Encyklopedia Powszechna PWN*, a percentagem da população polaca analfabeta no censo de 1931 era de 23,1%.

Todavia, eram outras e bem mais sérias as verdadeiras ameaças ao novo estado: por um lado, a região da *Galicja* ou *Małopolska Wschodnia* conheceria uma rebelião nacionalista ucraniana; por outro, a Revolução de Outubro e a progressiva consolidação do poder bolchevique determinariam um novo incremento do expansionismo russo. Esta última não cercearia sem um conflito maior – a Guerra Polaco-Soviética de 1919-1920 – e que permitiria à Polónia, com o apoio franco-britânico, empurrar a sua fronteira descaradamente para Leste. Mas já antes, em 1918, o levantamento polaco contra a Alemanha, em Poznan, permitiria igualmente um alargamento a Oeste. Vitoriosa e ufana, bem pouco devia surpreender que esta Polónia chegasse a reclamar um domínio colonial – cedo as potências vencedoras da I Guerra Mundial descobririam que era mais fácil simpatizar com as suas desventuras que com as pretensões dos seus dirigentes.

Não estranha, pois, que um dos primeiros problemas seja a compreensão a extensão do espectro político polaco – tema ainda tão actual e pertinente – e, dentro deste, a evolução do mais notável dirigente revolucionário clandestino polaco – Józef Piłsudski – até à tomada do poder. Quando o fim da I Guerra Mundial determinou a recuperação de independência, seria em Varsóvia, que ora receberia as instituições políticas polacas, que Piłsudski, herói da independência, se estabeleceria como primeiro chefe de estado. Quando a aprovação da Constituição de 1921 lhe veio, enfim, limitar as funções, renunciaria ao cargo e ao poder... aparentemente... que só esperaria quatro anos para e através de um golpe de estado, desalojar o governo de direita eleito, com o auxílio das forças armadas e o apoio de greves dos sindicatos dos ferroviários de inspiração... socialista. O regime a nascer desse golpe de estado não seria, porém, menos autoritário ou menos anti-soviético. Piłsudski era agora o primeiro-ministro; e, mesmo se em 1928 se recolheria aos bastidores, era para continuar a dominar ditatorialmente a política polaca, mas a partir de cargos tão discretos como os de Ministro da Defesa ou de Inspector-Geral das Forças Armadas, até à sua morte em 1935.

É, pois, neste contexto, que Portugal e Polónia receberão, respectivamente, as aparições de Fátima e Plock, ainda que separadas por quase uma quinzena de anos. Em Portugal, estava-se em plena I República, e uma das primeiras clivagens políticas abertas pela Revolução de 1910 fora, seguramente, a religiosa, e que tão só se acentuava à medida que o estado progredia, legalmente, no sentido de uma maior secularização e em que outra clivagem da mesma natureza, a que existia entre o meio urbano e rural, se fazia sentir com mais intensidade. E foi um ano agitado esse de 1917 em que os três pastorinhos se resolveram a avistar uma "Senhora mais brilhante que o sol". Guerras, más colheitas, e má situação económica regaram um substrato já bem adubado de sebastianismos redentores, que é Portugal país de muitos! A centelha de esperança, recebê-la-ia, muito naturalmente, da igreja

católica, que em anos seguidos de “ameaça vermelha” chocaria e faria crescer esse milagre; mas o “messias”, esse, seria Sidónio Pais.

E aconteceu que,

a 13 de Maio de 1917, três crianças apascentavam um pequeno rebanho na Cova da Iria, freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, hoje diocese de Leiria-Fátima. Chamavam-se Lúcia de Jesus, de 10 anos, e Francisco e Jacinta Marto, seus primos, de 9 e 7 anos. Por volta do meio-dia, depois de rezarem o terço, como habitualmente faziam, entretinham-se a construir uma pequena casa de pedras soltas, no local onde hoje se encontra a Basílica. De repente, viram uma luz brilhante (...) e viram em cima de uma pequena azinheira, uma Senhora (que) disse aos três pastorinhos que era necessário rezar muito e convidou-os a voltarem à Cova da Iria durante mais cinco meses consecutivos, no dia 13 e àquela hora. As crianças assim fizeram (...) A 19 de Agosto, a aparição deu-se no sítio dos Valinhos (...) porque, no dia 13, as crianças tinham sido levadas pelo Administrador do Concelho, para Vila Nova de Ourém. Na última aparição, a 13 de Outubro, (...) a Senhora disse-lhes que era a "Senhora do Rosário" e que fizessem ali uma capela em Sua honra (...) todos os presentes observaram o milagre prometido (...): o sol, assemelhando-se a um disco de prata, podia fitar-se sem dificuldade e girava sobre si mesmo como uma roda de fogo, parecendo precipitar-se na terra. Posteriormente, sendo Lúcia religiosa de Santa Doroteia, Nossa Senhora apareceu-lhe novamente em Espanha (...) Anos mais tarde, a Ir. Lúcia conta ainda que, entre Abril e Outubro de 1916, tinha aparecido um Anjo aos três videntes, por três vezes, duas na Loca do Cabeço e outra junto ao poço do quintal da casa de Lúcia, convidando-os à oração e penitência.²

E na Polónia? Parece claro que num país em que um dos mais importantes ícones pátrios – o *Hejnal* – é soprado da torre de uma igreja, o papel da Igreja Católica não tivesse nunca sido achacado como em Portugal. Entre o Partido Socialista Polaco e o Campo da Unidade Nacional, as políticas de Pilsudski, embora se caracterizassem pela forte centralização de poder e autoritarismo, estavam longe de se poderem associar ao Fascismo europeu.³ Em verdade, para além de uma orientação conservadora para todos os aspectos da vida do novo estado, o círculo de poder do marechal, quase só composto militares da sua confiança, pouco ou nada sabia de política. Seria, no entanto, um erro, ver este regime

² Veja-se o relato oficial e completo das Aparições de Fátima, no *site* do mesmo santuário, em <http://www.santuario-fatima.pt>.

³ Sobre este tema, veja-se o capítulo consagrado à Polónia por S. Andreski (1981) na obra *Fascism in Europe*, coordenada por S.J. Woolf.

conservador como um instrumento de qualquer grupo social e ademais alienando a burguesia rica, que era, na sua maioria, judaica – ou não ainda! É certo que o ditador nunca gozou do especial favor da Igreja, que privilegiava o Partido Nacional, na oposição, e o seu anti-semitismo; mas, sendo consensual e desejável, entre o partido do governo e os da oposição, que fosse a Igreja Católica a controlar as almas, a clivagem religiosa entre a igreja e o estado não se poria nunca.

Assim, bem podia Justyna Kowalska ver chegar-se Jesus, na noite de 22 de Fevereiro de 1931, vestido numa túnica branca, à sua cela. Não vinha mal à pátria que tivesse a mão direita erguida para abençoar e com a outra tocasse a túnica junto ao peito; menos ainda que da abertura da túnica saíssem dois raios luminosos, “um vermelho e outro pálido” (Jesus, eu confio em vós: 10), ou que o mesmo lhe dissesse – “Pinta uma imagem conforme a visão que te aparece, com a inscrição – Jesus eu confio em Vós. É meu desejo que esta imagem seja venerada, primeiramente na vossa capela, e depois em todo o mundo. Eu prometo que a alma que venerar esta imagem não se perderá. Prometo ainda mais a vitória sobre os inimigos já aqui na terra, e especialmente à hora da morte.”. “O raio pálido – explicaria Jesus mais tarde – significa a Água que justifica as almas; o raio vermelho significa o sangue que é a vida das almas.” (Jesus, eu confio em vós: 11,12). Com o tempo, as visitas tornar-se-iam tão recorrentes que Jesus acharia mais conveniente chamá-la para junto de si. Faustyna morria em 1938, com 33 anos, e deixava um Diário.

De novo em Portugal, Francisco e Jacinta morreriam pouco depois do milagre; Lúcia recolheria ao mosteiro das Carmelitas de Coimbra. Reza que, a princípio, ninguém dava crédito às crianças, apodadas de mentirosas por todos, mesmo pelos familiares. Todavia, a publicação em folheto, pelo Visconde de Montelo (pseudónimo do cónego Manuel Nunes Formigão), que "O vestido da Senhora era de uma alvura puríssima de neve, assim como o manto, orlado de ouro que lhe cobria a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, de uma riqueza de linhas irrepreensíveis e que tinha um não sei que de sobrenatural e divino"⁴; ou a publicação, no jornal "O Século" da parangona “COISAS ESPANTOSAS! COMO O SOL BAILOU AO MEIO-DIA EM FÁTIMA”, tornam claro que a história saíra, se é que alguma vez lá estivera, do domínio exclusivo das crianças.

Diante dos acontecimentos de Fátima, a Igreja guardava, aparentemente, a maior reserva, porventura esperando um ambiente político mais favorável, como o que decorreria do golpe de estado de 1926. E o culto lá subsistia com um arco de madeira feito de ramos de murteira com uma cruz, uma mesa que servia de altar, com a fotografia de uma imagem

⁴ O fragmento do folheto do Visconde do Montelo e a notícia do “Milagre do Sol” foram extraídos, sob verificação, do *site* oficial do Santuário de Fátima, em <http://www.santuario-fatima.pt>.

religiosa (ao lado da qual chegou a estar a de Sidónio Pais!), perto da azinheira, que ia desaparecendo como relíquia peregrina. Algumas barracas de madeira vendiam água, pão e conduto e alguns barracões eram construídos pela autarquia para assistência dos peregrinos e cristão propósito de que não se aliviassem nos hortejos cercanos. O Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, só em 1927, isto é, 10 anos depois das aparições, iria a Fátima, onde benzeria a via-sacra colocada na estrada Leiria-Fátima, que levaria à basílica, cuja construção começaria em 1928. Finalmente, em 1931 o Episcopado Português fazia a solene consagração do país a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

E Faustyna? Faustyna era a terceira dos dez filhos do casal Kowalski e nascera em 1905, como Elena, no vilarejo de Glogowiec, não longe de Turek. Frequentara a escola somente por três anos. Com 15 anos, e até à entrada no convento, trabalhou como doméstica em Aleksandrow Ludzki, Lodz e Ostruwiek. Contactos com o divino, tivera-os, segundo descreve comedidamente no seu *Diário*, desde os sete anos, quando ouviu “pela primeira vez a voz de Deus na (sua) alma a chamada a uma vida mais perfeita” (Jesus, eu confio em vós: 8,9). Mas disso não faria caso, conta, até que certa vez, numa sala de dança com as irmãs, sua alma foi acometida de “íntimos tormentos” e percebeu Jesus flagelado a seu lado, dizendo "Até quando te suportarei e até quando tu me enganarás?". Abandonando a companhia das irmãs, iria à catedral de S. Estanislau Kostka, onde, ajoelhada com os braços apertos diante ao Santíssimo Sacramento pediu a Deus que se dignasse fazê-la conhecer o que deveria fazer. Escutou as palavras: "Parte imediatamente para Varsóvia, lá entrarás no convento". Em 1925, mas só depois de ter trabalhado um ano para juntar o dote necessário, era admitida condicionalmente pela Congregação das Irmãs da Beata Virgem Maria da Misericórdia, família religiosa votada ao cuidado e recuperação social de raparigas moralmente decaídas; os votos temporários, também só os faria em 1928 e a profissão perpétua, em 1933. Para a sua parca saúde, as actividades cozinheira, jardineira, vigia, padeira e guarda-roupa que exerceria eram cansativas e às vezes insuportáveis, pelo que não poucas vezes seria acusada de simular a doença para não trabalhar. Passaria por várias casas da sua congregação – Varsóvia, Plock, Vílnius, Kiekrz, Walendow, Derdy, Rabka e Cracóvia, onde viria a falecer. As suas aparições e missão foram descritas no *Diário* que ela escrevia, por sugestão do Padre Miguel Sopocko, confessor do convento em Vílnius e seu futuro mentor. É com a ajuda deste e da Madre que Faustyna desenvolve o culto da "Divina Misericórdia".

Relendo a História, parecerá estranho que três crianças e uma monja de uma congregação para raparigas moralmente decaídas possam ter alcançado tal relevo, servido de todo um aparato ideológico, iconográfico e cénico, que mobiliza milhões de religiosos e peregrinos de todo o mundo. Ainda que não se permita quaisquer comentários de teor

teológico, para este estudo, os cultos instituídos e a sua relação com o período histórico de que eram contemporâneos pode muito bem explicá-lo. A mensagem da Congregação para a Doutrina da Fé do santuário de Fátima é a de que esta é a mais profética das aparições modernas, pela pavorosa visão do inferno, pela devoção ao Imaculado Coração de Maria, pela II Guerra Mundial, e pelo prenúncio da defecção da fé cristã pela adesão ao comunismo. Mas a mensagem de Fátima, humana ou divinamente vertida, é um convite à salvação pela conversão permanente, pela oração e pelo sentido da responsabilidade colectiva e a prática da reparação, cuja aceitação conduz à vivência na graça de Deus. Já o fundamento da mensagem Divina Misericórdia é a confiança, e esta requer uma conversão e expiação contínuas de modo a que a misericórdia de Deus seja compreendida e Este possa, enfim, dirigir a vida dos crentes. Provações e sofrimentos devem fazer o crente questionar-se sobre os males que cometeu e fazê-lo compreender que é nesse momento que Deus mais o acompanha.

Só aparentemente iguais, as mensagens encerram, em verdade, sentidos diferentes: a primeira prevê uma expiação menor do crente em função da fé que deposita no ente divino; a segunda, que a relação com esse ente é tanto maior quanto maior for a expiação. Não estranhamente, Lúcia escreverá no seu diário que, perguntando à Virgem se ficaria sozinha (aquando da Morte de Francisco e Jacinta), esta responde-lhe “Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio, e o caminho que te conduzirá até Deus.”⁵. Faustyna, contentar-se-ia com um "Minha filha, o sofrimento será para ti um sinal de que estou contigo" (Jesus, eu confio em vós: 13) – e por aqui se prova que Jesus é menos compreensivo que sua mãe. Os dois cultos são, portanto, o princípio e o fim da relação da Igreja Católica com o crente, ou, melhor ainda, da relação do católico com Deus, nessa Sua capacidade de conceder vida e morte, prazer e sofrimento, perdão ou castigo misericordioso. Na realidade, só há necessidade de perdoar em função dos pecados cometidos, e Fátima – ao contrário de Cracóvia – parece ser uma face mais simpática e moderna de relação com o crente nesse negócio de indulgências, que a uns é lícito e para outros foi fogueira.

Mas os cultos, por si só, não poderiam nunca justificar a aceitação que tiveram junto dos crentes, já que essa relação, só aparentemente pouco profunda, é quase sempre mediada pelos religiosos. Por alguma razão fenómenos deste género fazem recurso de uma iconografia e cenografia próprias. A imagem de Fátima é, por exemplo, a da virgem vestida de branco, sobre a azinheira, com três crianças a seus pés, entre o próprio rebanho que apascentavam; e se isto não for já representativo da necessidade de uma vivência religiosa comunitária, é-o,

⁵ Veja-se o relato oficial e completo das Aparições de Fátima, no *site* do mesmo santuário, em <http://www.santuario-fatima.pt>.

pelo menos, invocativo da necessidade de voltar aos bons valores cristãos ou o que por isso se entende (representados na natureza), com a humildade (infantil) e a obediência (ovina) que se lhes deve. A senhora de branco é a virgem, claro está, mas é também a que, em função do seu trabalho puramente místico, não se suja, nem é deste mundo – havendo dúvida, lá estaria a azinheira de permeio. Já na opção pela virgem e não pelo seu filho, poderiam alguns sugerir que o culto mariano goza de especial fervor no sul da Europa; ou que, sendo a política uma coisa de homens, bem se podia reservar a uma mulher o domínio do sagrado; finalmente, que o messias era outro... e estava quase a chegar. Poderiam... que este trabalho não ousa tanto – calhou a virgem ter mais disponibilidade naquele dia que o seu filho.

A imagem que foi dada a ver a Faustyna é da de Fátima bem diversa. Dela se disse já que Jesus erguia a mão direita a abençoar, enquanto a esquerda tocava a túnica junto ao peito, e que de uma abertura da túnica saíssem dois raios luminosos, “um vermelho e outro pálido”. O que não se disse foi que o fundo é escuro, e que Faustyna nunca a integrou, porventura indicando uma divisão entre o mundo espiritual e o terreno, mas igualmente uma vivência individual da expiação veiculada pela mensagem. Depois, não deixa de ser curioso que os raios não sejam de luz, mas de sangue e água. Mais ainda que essa água, a que a tosca descrição do vulgo se referiria como... água ou talvez adjectivasse de branca ou azul (como é vulgarmente pintada), seja descrita por Faustyna como “pálida” – questão de pormenor que todas as traduções do seu *Diário* acharam por bem respeitar.

Para além da interpretação dada acima – e vulgarmente relacionada com o centurião romano Longino, que, segundo a descrição de São João no seu evangelho, chegou-se a JESUS e, vendo-O morto, Lhe trespassou o lado com uma lança, saindo sangue e água – há uma outra, nunca lida, e que porventura aclararia o papel da Igreja no nacionalismo polaco: talvez se tivesse querido que o raio “pálido” fosse, na verdade, branco; e que as cores desses dois raios fossem as da bandeira da Polónia, reduto católico entre protestante e ortodoxos. Depois... depois há aquela brincadeira linguística do “Jesus, confio em ti!”, quer como se o crente necessitasse de lê-lo para dizê-lo, como naqueles azulejo colorido de tasca em que se pode ler “Eu sou burro!”. Ninguém quer ler, mas olha-se... e já está: confia-se e é-se burro em função da capacidade de ler.

E estes são os ícones que dão a volta ao mundo, dilatando a fé em formato de prospecto religioso, calendário, porta-chaves, moldura de tablier de carro, sendo, por isso mesmo, dos aspectos mais relevantes na compreensão dos dois fenómenos. Não estranhamente, seria a Igreja Católica Portuguesa a lançar e a promover o concurso para a imagem que Fátima assumiria; tudo de acordo, claro está, com a descrição de Lúcia. E bem mais razões tem a Igreja para preferir os santeiros – como José Ferreira Tedim, que, em 1920, faria a imagem da

Nossa Senhora do Rosário de Fátima – que escultores como Teixeira Lopes, que ousara, sob o manto, mostrar rubicundo seio à virgem e que por isso vira a sua imagem recusada. O que aqui se desvela, todavia, é que a hierarquia católica portuguesa, que aparentemente só viria a reconhecer as aparições dez anos depois, estava já desde o princípio comprometida com elas.

O mesmo se poderá depreender da hierarquia católica polaca, que face à ascese descontrolada de uma monja que tardava em receber a sua profissão de fé e a conveniência das revelações que vazia, colaborava com este milagre. Não estranhamente, seria esse confessor de Faustyna, esse Miguel Sopocko, a apresentá-la ao pintor Edmundo Kazimierowski, que pintaria a imagem... também segundo a descrição da vidente. Menos estranhava que, terminado o quadro, Faustyna chorasse porque não estava tão belo quanto o tinha visto.

Se acaso não ficou já claro, atrás, que este trabalho assume as aparições de Fátima e Plock como uma mistificação da Igreja Católica e dos estados português e polaco, respectivamente, que o seja agora. Em verdade, até se poderia passar sem questionar se as aparições tiveram ou não lugar e se, em tais ocasiões, o divino se prestou a baixar ao mundo terreno. O que por ora importa é que factos religiosos, naturalmente históricos, foram moldados pelas hierarquias católicas portuguesa e polaca com o fim claro de arregimentar o rebanho do senhor, que as doutrinas sociais, políticas e económicas da transição do século haviam tresmalhado.

São inúmeros os factores a ter em conta na formulação do milagre como um facto histórico, mas a lógica comum a que se fez menção logo a começar é a de que face a situações de instabilidade nacional, mormente se decorrem de problemas, que, embora cumulativamente amplíssimos, são reconhecidos como políticos, venha um milagre. Tal lógica, ainda que nem institucionalmente formulada, radica num fundo comum de crença e superstição a que não raramente se juntam elementos de um certo teor nacionalista. Curioso, mas não surpreendente, é que as relações que se operam no âmbito de fenómenos de um mesmo género, como os das aparições, se reproduzam, em países tão aparentemente diversos e por uma ordem que, a não ser, naturalmente, a mesma, não deixa de constituir um padrão. Se o profetismo, por exemplo, encontra na conjuntura nacional o espaço e as condições para a sua consolidação é porque um substrato social o recebe e perfilha na relação que isso possa ter já com outros fenómenos do seu quotidiano. Em Portugal, por exemplo, fenómenos como as *Trovas de Bandarra* e do Sebastianismo e do mito d' *O Encoberto* são, no passado, a consubstanciação de um messianismo judaico-cristão, anos a fio empanturrado pela espiritualidade milenarista das ordens franciscana e dominicana e do mito arturiano do regresso do imperador Clarimundo, como as aparições de Fátima ou os “messias” Sidónio

Pais e Oliveira Salazar o viriam a ser naquele período. A ampla recepção e aceitação destes “messias” no meio eclesiástico católico pode até nunca ter decorrido tanto do carácter conservador da sua acção política, como da noção (ou apenas a sensação) de que deriva de um processo que lhes é familiar.

Como em Portugal, está claro que também na Polónia existe um substrato sedento de profetismos, que também a espiritualidade milenarista das ordens franciscana e dominicana teria os seus efeitos e que o messianismo judaico-cristão assumiria um carácter nacional. Assim o confirmam a vitória sobre as tropas russas às portas de Varsóvia, na Guerra Polaco-Soviética, prontamente designada por “milagre do Vístula”; assim a obediência e benevolência para com a figura messiânica de Pilsudski; assim a invicta *Jasna Góra* de Czestochowa; assim a aceitação e generalização do culto de Faustyna. Como em Portugal, as aparições aparecem enquadradas por uma mitologia de tantas outras, como a da “vidente de Loubland”, em França, ou a de Santa Teresa, anos mais tarde, aos soldados nacionalistas em plena Guerra Civil de Espanha.

Acontece que, em Portugal, o milagre surgia em detrimento de um outro – também de um pastorinho, mas do Barral, arquidiocese de Braga – e três ou quatro meses depois do envio dos primeiros batalhões do Corpo Expedicionário Português para a Flandres e em pleno mês de Maria. Um ano antes, já o jornal católico “A Ordem” promovera rezas, terços e comunhões, naquilo a que chamaria a “Cruzada do Rosário”, nome pelo qual se viria a designar a virgem. E, para acrescentar o fenómeno, já em 1915 e 1916 oito aparições do Anjo Custódio de Portugal nas redondezas de Fátima se haviam dado. Finalmente, a pedido de Lúcia, o sol havia bailado sobre a multidão aterrada, que fora em peregrinação aos Valinhos para a sexta aparição. Construída sobre um substrato de crenças populares⁶, que porventura datavam da ocupação moura da região, Fátima tinha condições para seguir. Aos poucos, o culto de raiz popular vai sendo substituído por uma construção eclesiástica que o utiliza, primeiro, como forma de denegrir a anticlerical Primeira República e, depois, como recurso anticomunista. É, pelo menos, o que a introdução tardia do “Anjo de Portugal” e da necessidade de “Conversão da Rússia” denunciam, pois que, não incorporando a mensagem original, só pelos anos 40 aparecem no *Diário* de Lúcia, quando esta era já uma freira em clausura. Se o aparecimento do “Anjo de Portugal” aos três pastorinhos em 1916, prognosticando o retorno do país aos “rectos caminhos cristãos”, surpreende pela legitimação que parecer trazer ao 28 de Maio de 1926 – com números redondos trabalha a Providência – mais surpreende que a virgem tenha profetizado a conversão da Rússia, o fim da guerra e o início de outra, indo ao ponto de indicar o nome daquele papa em cujo reinado esta se

⁶Sobre este tema, leia-se *Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima* de Moisés Espírito Santo.

iniciaria. Pena é que tais elementos, compondo o segredo de Fátima, só tenham sido do conhecimento geral em 1941.

Mortos os seus primos, Lúcia ingressava no Asilo de Vilar (Porto) em 1921, dirigido pelas religiosas de Santa Doroteia. Mais tarde iria para Tuy, onde tomaria o hábito, faria a profissão religiosa de votos temporários e, depois, de votos perpétuos. Só em 1948 tornaria a Portugal, ingressando no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra. Até à sua morte, em 2005, viria apenas mais seis vezes a Fátima... e logo ali ao lado! Apesar da solicitação que enviaria ao papa, a iniciativa as memórias nem a toma Lúcia sozinha, que nem a tardia e reduzida alfabetização lho permitiriam na quantidade e qualidade com que as reproduziu, assim tantos anos depois do “milagre”. Fátima das suas memórias surgia bem ao estilo da prosa daquele Visconde do Montelo ou do primeiro bispo de Leiria, que guardaria os manuscritos, únicos, até que a aprovação da sua publicação fosse chegando, como se veria, da Santa Sé. Sobre o seu conteúdo, explica a Congregação para a Doutrina da Fé, que

a linguagem feita de imagens destas visões é uma linguagem simbólica. (...) Não descrevem de forma fotográfica os detalhes dos acontecimentos futuros, mas sintetizam e condensam sobre a mesma linha de fundo factos que se prolongam no tempo numa sucessão e duração não especificadas (...) típica de tais visões, que, na sua maioria, só podem ser decifradas *a posteriori*. E não é necessário que cada elemento da visão tenha de possuir uma correspondência histórica concreta.⁷

Ao lado desta teologia histórica de capotilha, outros aspectos, porventura menos importantes, roçaram o risível, mas nem por isso deixam de ter a sua curiosidade. Em primeiro lugar, seria de esperar de quem ainda um ano antes recebera o “Anjo de Portugal” se não surpreendesse com a presença da virgem – valeria a pena tanto escabeche!? Depois, por muito anticlerical que fosse a República, não foi pelo braço secular que Lúcia ficaria reclusa, mas pelo religioso. A si e a seus primos, escolhidos pela virgem, não caberia mais escolher o seu destino, nem teriam para isso idade. De Lúcia já se sabe, recolhe a convento, mas Francisco e Jacinta, crianças enfermiças, vitimaria a gripe espanhola. Francisco, um ano depois, Jacinta dois, e relativamente votados ao esquecimento pela Igreja Católica Portuguesa. Nem seria caso para menos – em primeiro lugar, não sobreviveriam para contar a história; depois, dos três videntes, só Lúcia via, ouvia e falava, pois que Jacinta só via e ouvia, sem falar, e Francisco somente; finalmente, Francisco fora, até à aparição, uma criança aluada, e era agora, vidente, contemplativo, pelo que dificilmente o seu relato teria valor.

⁷ Veja-se a Mensagem de Fátima da Congregação para a Doutrina da Fé completa em <http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=2413>.

Tornando à Polónia e a Faustyna Kowalska, poder-se-ia repetir que a conjuntura era de instabilidade, mas naquele substrato não caíra ainda a semente daninha do anticlericalismo. Ilha católica, na Polónia sempre as questões da Igreja se haviam misturado com as do estado... quando o houvera. A relativa indiferença que Pilsudski votava às questões espirituais não se reflectia, viu-se já também, numa proibição ou perseguição da sua actividade, e eram inúmeros os religiosos que integravam os organismos do estado. As motivações da aparição sob a mesma perspectiva crítica com que se abordou a de Fátima, não deveria sair, assim, facilitada, posto que talvez se revista de um carácter mais subjectivo. Será!?

Em 1931, Pilsudski era já um estratega na sombra cercado por um extenso corpo de *yes-men* e, com o funcionamento das instituições políticas assegurado... ou forçado... a Polónia lá seguia. Certo é que nestes últimos de poder, e face ao crescimento generalizado de um sentimento anti-semita, também o marechal descurava as suas relações, permitindo um ou outro *pogroms* e deslocações forçadas que só a desgraça que se estava a preparar faria esquecer. Motivos de preocupação bem maiores eram Alemanha nazi e na Rússia soviética, que face à profusão de projectos imperialistas, algum cairia, e a Polónia, quer porque integrara já outros estados, quer porque a sua noção de lealdade se quedara sempre dentro dos limites das suas próprias necessidades, recolhia antipatia dentro da Sociedade das Nações, mesmo dos que antes a haviam apoiado, como a França e o Reino Unido. O espectro da guerra começava, então, a ser já mais ameaçador do que o do comunismo e não seria certamente por uma questão ideológica que a Polónia voltaria a ser retalhada. Se lá do fundo da sua cela Faustyna se consegue perceber tudo isto, é coisa que, do ponto de vista espiritual, pouco ou nada deve importar. Jesus apareceu-lhe anunciando sofrimento e a certeza de que expiando a própria vida, não abandonaria os que Nele criam – falta faria a essa Polónia já tão propensa a ser uma nação mártir e que de novo se lembrava dos motivos para sê-lo.

As aparições de Faustyna, que na realidade não se ficaram por Plock mas por outros lugares a que a vida monástica a conduzia, pronto se tornaram do domínio comum, ainda que só a publicação do *Diário* e, estranhamente, a sua morte, tenham vindo codificar esse culto. Sopocko teria nesse processo um papel determinante. Faustyna conhecera-o em 1933, sendo confessor do mosteiro em que esta se encontrava, em VÍlnius, onde era também professor no seminário e na universidade. Pronto alcançaria grande ascenso junto da monja, que acompanharia até ao final da vida. Seria Sopocko a exigir a Faustyna a redacção de um diário espiritual. Desta forma, não seria por vontade própria, mas por exigência de seu confessor que ela deixaria, aparentemente, a descrição das suas vivências místicas. Do mesmo modo, seria também Sopocko a estabelecer o “Dia da Misericórdia” e a trabalhar nas bases teológicas para este dia, para o culto, e a criar a nova ordem que tinha por objectivo divulgá-lo.

Com o início da guerra, a Igreja seria ainda pouco afectada. Sopocko, esse, continuava a leccionar no seminário e na universidade. Mas, à medida que o conflito e o sofrimento do povo se intensificavam, convenceu-se de que era preciso divulgar o culto da Misericórdia, e passou igualmente a ensiná-lo nos sermões e conferências, a publicar comentários sobre a Misericórdia e a necessidade de criar um dia de celebração da mesma e a distribuir orações e pequenas imagens do Jesus Misericordioso. O quadro que fizera pintar ainda antes da guerra e que fora colocado na igreja de São Miguel, em VÍlnius, era agora reproduzido aos milhares e, conseqüentemente, adquiria cada vez mais fama e culto. Em 1940, Sopocko pronunciaria naquela mesma igreja uns sermões sobre o culto da Misericórdia, que atrairiam multidões e teriam grande ressonância em toda a cidade. A partir de Junho de 1940, porém, VÍlnius passaria a estar sob ocupação do exército soviético, que passaria a limitar quaisquer actividades religiosas. Sopocko, insistente, continuaria a obra, elaborando, imprimindo e fazendo distribuir um tratado sobre o culto Misericórdia. Beneficiando da deslocação forçada de milhares de refugiados, o culto tornava-se cada vez mais conhecido. O avanço alemão, em 1941, não prejudicaria mais do que beneficiaria esse culto de folhetim e, no verão de 1941, Sopocko pode enfim criar a congregação religiosa que divulgaria o culto. Tal processo iniciara-se já com Faustyna, mas fora em 1939 que receberia maior alento, pela colaboração de Jadwiga Osinska, mestre em Filologia Clássica pela Universidade de VÍlnius, e de Izabela Naborowska, já em 1942. Ambas, aspirando à vida monástica, viam no culto e na criação da nova ordem uma possibilidade. Quando a Gestapo iniciou as perseguições escolares, Sopocko pôde fugir e esconder-se em Czarny Bor até ao fim da guerra. Os votos daquelas primeiras freiras seriam feitos lá e só renovados em 1944, quando o padre tornou a VÍlnius. Porém, o risco de perseguições obrigaria à partida para Mysliborz, onde começaria, finalmente, a vida de ordem, que em 1945 seria reconhecida como Congregação das Freiras do Jesus Cristo Salvador Misericordioso. A seu lado nascia o Instituto da Misericórdia de Deus, laico. Em 1947, ameaçado de prisão e exílio pelos soviéticos, Sopocko partia para Bialystok, aonde o culto se alastrara ainda desde antes da guerra.

A iniciativa privada de Sopocko, porém, não tinha ainda a aprovação oficial da Igreja. O primaz da Polónia, cardeal Hlond, tinha uma atitude positiva, mas porventura demasiado prudente face ao assunto, publicando, ainda assim, o tratado *De Misericordia Dei deque eiusdem festo instituendo* de Sopocko e apresentando em Roma, em nome do episcopado polaco, a questão do culto da Misericórdia. Por outro lado, Sopocko mantinha agora uma correspondência regular com a ordem e com um certo J. Chrosciechowski, que desde o início da guerra partira para Londres e se empenhara na divulgação do culto em Inglaterra e nos Estados Unidos da América, vertendo o fenómeno para outras línguas. Todavia, nem todos os

sectores do corpo religioso polaco aceitavam as aparições e o culto. Em 1949, e invocando a falta de uma comprovação da Igreja que reconhecesse tais aparições privadas, a Cúria em Bialystok faria editar uma ordem a proibir a divulgação do culto. Sopocko acatá-la-ia, mas persistiria, tentando ganhar a aceitação de outros bispos. A morte de Hlond traria, finalmente, novo luz ao processo – seria o novo primaz, Wyszynski, a levar a Roma todas as petições.

Em verdade, os problemas não se quedariam pelo reconhecimento do culto, senão, porventura, pela sua divulgação excessiva e apropriação pelos crentes – a partir dos sermões de Sopocko, em Víliaus, logo após a morte de Faustyna, fora surgindo espontaneamente entre os crentes. Assim, chegado a Bialystok, o padre seria surpreendido por um outro quadro pintado por Adolf Hylo e celebrado desde 1943 pelo mosteiro das freiras da Ordem de Santa Maria de Misericórdia, em Cracóvia-Lagiewniki. Sentindo que o culto escapava ao seu controlo, logo mostrou algumas reservas quanto ao modo como se pintara a figura de Jesus, que, na sua opinião, se inclinava demasiado para a frente, denunciando certa feminilidade, e apresentava os raios de forma nítida, denotando demasiada materialidade, entre inúmeras outras coisas. O pior era que, para além do quadro de Hylo e à medida que o culto se generalizava, outros seriam pintados ao longo dos anos 40 – para com todos Sopocko teria as suas reservas. Em 1954, Sopocko tomaria a iniciativa de organizar um concurso para um novo quadro, que cumprisse as exigências teológicas e artísticas e pudesse servir como modelo. O quadro vencedor e depois aprovado pela Comissão Principal do Episcopado, seria o de L. Slendzinski. Sopocko esforçar-se-ia muito na sua divulgação, mesmo no estrangeiro, mas em vão: por um lado, havia ainda concorrência do quadro de Hylo; por outro uma notificação da Congregação do Santo Ofício, em 1959, faria parar a promoção dos quadros... sobretudo do novo. Mas, a despeito da proibição, os quadros manter-se-iam nas igrejas e até ao reconhecimento do culto, em 1978, outros apareceriam. Com a Polónia sentada em Roma, o culto e o quadro de Hylo seriam, mais do que nunca, divulgado pelo mundo fora – Sopocko não inventara tudo.

Tratados os contextos históricos da ocorrência das aparições, e descritas estas, abordada a natureza do contacto dos “videntes” com o “divino”, a ritualização do fenómeno e sua iconografia e feita uma reflexão crítica sobre estes, resta concluir, porventura invocando alguns aspectos que porventura terão ficado esquecidos. Antes de mais, relembre-se que as aparições se integram num contexto de crise política, cultural e religiosa em dois países tradicionalmente católicos, embora com profundas crises de religiosidade. Em Portugal, tal crise prende-se com a radicalização do discurso e acção republicanas no sentido de um anticlericalismo, que, ao invés de se atenuar no decurso da I República, somente se acentuou em virtude do apoio da Igreja, real ou suposto, a intentonas golpistas conservadoras ou

monárquicas. Na Polónia, tal crise não decorre da acção do estado ou de quaisquer forças políticas contra a família católica; antes por pressões, que se diriam externas, à medida que a guerra se configura como um cenário cada vez mais real. Os totalitarismos nazi e soviético, ainda que por distintas formas e razões, não se prestariam, certamente, à manutenção de um poder espiritual – mais ainda se, como na Polónia, é intricada a relação do catolicismo com o ideário nacionalista.

Em ambos os países, é bem certo que a igreja católica conhecia – porque em alguns casos ajudara mesmo a criar – a mitomania nacionalista, cedo compreendendo o seu papel e relevância no devir histórico. Portugal é o país eleito, cujo imperial e milenar destino está por cumprir, e a que aportam – e não só em manhãs de nevoeiro... – *reis encobertos, virgens e ditadores messiânicos*. A Polónia? Pois... a Polónia não poderia ser menos. Nação mártir de si mesma, da cobiça alheia e dos interesses da Santa Sé, pode bem contar profetismos enquanto as lustrações não entraram ainda moda, que sempre se distrai o poveco com estes autos de fé modernos. Esse substrato social que recebe as aparições, português ou polaco, latino ou eslavo, saberá mostrar que, a despeito de todas as conjunturas, o exército de Deus pugnou bem pela disseminação do messianismo judaico-cristão. Mais se ressentirão com isto os descendentes de David, que se não há de dividir esse amor enteu pelas aldeias – é que se todos forem eleitos, quem serão os repudiados?

Finalmente, mas ainda apenas no que à História e a substratos se refere, não deixa de ser curioso notar que, quaisquer que tenham sido as transformações ocorridas nos dois países, as aparições, os cultos, os milagres persistiram, mobilizando cada vez mais crentes. Em Portugal, o 28 de Maio instituiria a ditadura militar e, alguns anos mais tarde, um regime autoritário conservador, que, tendo bebido tanto do ideário católico (principalmente dessa “Doutrina Social Católica” expressa por Leão XIII na encíclica *De Rerum Novarum* (1891)) e monárquico, pouco se prestaria a transformações políticas ou a que a Igreja se imiscuisse na vida política. As aparições, nove anos antes, viriam a ser, na verdadeira acepção das palavras, o corpo e o sangue da mudança de regime que estava para vir, a ponto de integrar essa estridente trilogia do Estado Novo – Fátima, fado e futebol. É que Francisquinho e Jacintinha tinham morrido, assim tão dignamente, *pro patria et pro more*, para que Portugal continuasse a ser o país de brandos costumes que sempre fora e o português continuasse assim... *suave*.

À Polónia sobreviria a ameaça vermelha e sua defecção da fé cristã, tão temidas... alguém não rezara bastante! Desta vez não houvera um nevoeiro como o de Jasna Góra nem milagre do Vístula, e os Russos haviam mesmo de ir até Berlim. O regime decorrente, intrinsecamente autoritário, pretensamente socialista, só por conveniência se poderia dizer pró-soviético. A despeito dos territórios subtraídos à Alemanha, tolhida de morte a pretensão

de renovar esse império continental do Báltico ao Mar Negro, face ao reconhecimento de outras nacionalidades e países no âmbito da URSS, a Polónia passava, uma vez mais, a não alinhar senão com as suas próprias necessidades. Ao contrário de outros países do Pacto de Varsóvia, a prática religiosa, ainda que limitada, não se quedaria pelo domínio privado. Nem seria o novo regime a abolir o catolicismo na Polónia ou tampouco a impedir o culto da Sagrada Misericórdia, que, em verdade, conheceria especial incremento neste período, só sendo cerceado... pela Igreja Católica. E como a Polónia podia agora renovar essa condição de nação mártir, com um sistema político “estrangeiro” e, ademais, internacionalista, tão contrário à sua natureza, o culto instituído por Sopocko, pelas razões inversas às de Fátima, cresceria.

Mas, voltando ao milagre ao tempo da sua datação, importa que uma vez mais, embora já conclusivamente, este trabalho se debruce sobre alguns aspectos da mensagem das aparições. Sendo certo que variam – embora se devesse esperar que a mensagem do Altíssimo fosse igual para todos (e daqui se vê que não somos todos iguais), fosse qual fosse o mensageiro – é óbvio que tipo o que representam, seu conteúdo e expressão, variará de acordo com a vontade de quem o produz e as expectativas de quem o recebe. Por um lado, o desconhecimento que os crentes têm da cronologia dos fenómenos permitiu e permite que, em ambos os casos, nova informação, seja enxertada. Para além das revelações feitas *a posteriori* ou de um culto que evolui a partir de aparições que nunca excederam o domínio do privado, outros exemplos existem e igualmente interessantes. O mais interessante será sempre esse da cruzada contra o comunismo que as aparições representam: para além do Divino saber distinguir entre ideários políticos, é certo que sabe já que somente o comunista sobreviverá depois da guerra; talvez por isso não o achaque o fascismo, ainda que lhe tolha maior número de fiéis... e de infiéis, que não escreve Deus torto em linhas tortas!

Mas outro aspecto, esse que a este estudo é subjectivo – reconheça-se – e porventura erroneamente mais interessante, é o das próprias características das aparições. Em Portugal, ocorrem a três crianças, mas logo juntam um grande número de fiéis, que, não vendo nada, logo querem ver tudo – não precisaria o bom Garrett de dizer que os portugueses insuportam os curas, para saber que a maioria do povinho português tem a religião católica como uma espécie de culto simpático de que serve em horas de aflição, com as tesourinhas a Santa Bárbara, os pezinhos e as mãozinhas de cera, o Santo António em hora de coito. Assim, para além da já notada bonomia com que a virgem se dirige às três crianças, saliente-se que a estas é concedido um milagre – ademais, um milagre que todos vejam, para melhor se assegurarem que a coisa a certa. Calhou o tempo está de feição. Na Polónia, Jesus não claudica – trata-se de expiar pelos pecados e em sofrimento: então, quer porque Faustyna, sendo freira, não

deverá ter a curiosidade e ousadia típicas de uma criança; quer porque os polacos são porventura melhores católicos, nenhum milagre é reclamado... nem a coisa era para tanto que a aparição fora privada. Depois, essa expiação contínua adequar-se-á à mentalidade polaca, em que os russos e os alemães de hoje continuam a ter tantas culpas como os do passado e o ser mártir representará sempre estar a um passo do que se quer... à força... ser. Portugal já o foi – ou assim o crê – e a saudade... Ah! Saudade!... é já sucedâneo suficiente para tanto martírio – que é martírio pagar para ver os jogos do Glorioso na TVCabo!

Restam, enfim, algumas pontas soltas, que, se acaso se arrematou bem a coisa, não deixaram, ainda assim de se notar ou vir ao pensamento ao longo do texto. Em primeiro lugar, se é óbvio que se inserem em conjunturas de crise, as aparições são precedidas e sucedidas por fenómenos similares, quer nos países ora abordados, quer noutros. Os videntes são quase sempre de origens humildes, sem formação, e os fenómenos são filtrados por religiosos ou por situações de clausura a que se prestaram ou foram compelidos: no caso de Lúcia, ainda que as aparições ocorressem com conhecimento de toda a população, apenas ela e a Igreja teriam, primeiramente, acesso aos conteúdos da mensagem “divina”; com Faustyna, as aparições ocorreriam no domínio privado. Em ambos os casos, a mensagem passaria pela divulgação dos cultos e publicação dos respectivos diários espirituais, numa relação com os crentes sempre permeada pela Igreja.

Depois, com excepção de Lúcia, que viveria enclausurada até há bem pouco tempo, todos os demais videntes morreram bem pouco tempo depois das aparições – seria inconcebível pretender que a Igreja urdira tais mortes, mas a clausura da única sobrevivente vem mostrar que saberia bem como arredar os convenientes protagonistas dos fenómenos, uma vez que, se não lhe pertenceram sempre, pronto deles se apropriaram. No caso de Faustyna, a situação é tão clara quando mais se compreende que, em verdade, aparições e cultos são edificadas por um só homem ou, em último caso, por um grupo muito restrito, uma vez que se tornam do domínio público após a morte da vidente. Assim, e a despeito de quaisquer justificações que a Igreja possa dar – que sempre são muitas – aparições e, no caso de Fátima, milagres e profecias, só tardiamente são reconhecidos, pelo que também só tardiamente são divulgados em toda a sua extensão. Entretanto, o desconhecimento e a fé dos crentes permitiram enxertar factos e curiosidades para que nenhum aspecto fique por explicar, e a própria história é subvertida em função das conveniências de quem a cria.

A despeito de muitas outras, as conveniências de quem criou estes dois fenómenos tratados são, no contexto da análise levada a cabo, de teor político e religioso, por todas as razões já atrás enunciadas e por algumas outras que ora se impõe referir. Sendo as aparições entendidas como fenómenos de carácter religioso por que no entanto perpassa sempre uma

mensagem política, que nunca é, aliás, recusada pela Igreja Católica, é óbvio a sua discussão pela sociedade civil – ademais porque de dois países católicos se tratam – é igualmente nacional. Por um lado, viu-se já, tal mensagem adequa-se triplamente a quem a cria, à sua própria transmissão e a quem a recebe; por outro, e porventura em função dessa adequação, impõe uma discussão dos valores religiosos e assim, estreitamente relacionados, senão os mesmos, de valores que se entendem como nacionais. Então, as aparições centram e unificam o país em torno de uma mesma discussão e de uma mesma ideia, correspondendo, simultaneamente, a uma aproximação e a um desvio da actualidade política. Portugal é disso extraordinário exemplo – como o 28 de Maio de 1926 se dá nove anos depois da aparição, far-se-á remontar o episódio do “Anjo de Portugal” a 1916, para que o pronunciamento militar, a rebentar dez redondos anos depois, saia assim legitimado, como se não fosse já causa suficiente o ser Maio e ter saído de Braga, onde então decorria um congresso mariano.

Aspecto não definitivamente abordado até agora, é o da nova geografia do poder que as aparições vêm estabelecer, e que reflecte, se acaso nada do que se tratou atrás pareceu pertinente, uma nova relação entre o poder secular e espiritual dos dois países. Em Portugal, não havia a virgem de aparecer a sul, quer porque o grosso das hostes católicas se situava quantitativa e qualitativamente lá para cima; quer porque, conforme se veria no biénio 1919-21, as coisas andavam vermelhas... perdão!... negras. Quede-se tal manifestação divina por Fátima, que, para além de ser lugarejo propenso a fenómenos de tal natureza, está ali a meio caminho entre Lisboa e Porto, e aquele senhor do Centro Académico da Democracia Cristã que virá a mandar no país por quatro décadas, vindo de Coimbra, sempre se poderá apelar para, sem esforço, rezar pela pátria, que tal se pede aos salvadores. Esse eixo, para além de concentrar aproximadamente três terços da população do país, concentra, igualmente, quase todo o seu reduzido aparelho industrial. Se o suporte eleitoral da república são ainda a classe média urbana e o operariado urbanos e Lisboa, Porto e Coimbra as três maiores cidades, dir-se-ia natural a opção, divina ou humana, de ali radicar o fenómeno, numa operação a que a imprensa pró e contra o regime daria devido eco. Depois, inúmeros outros aspectos poderiam ser tidos em consideração – historicamente, o Tejo marcara a fronteira entre cristãos e mouros, e porventura entre duas experiências do catolicismo que ainda hoje persistem, mas também, e mais prosaicamente, entre modos de organização territorial, distribuição humana pelo espaço e mesmo de exploração agrícola.

Na Polónia, a despeito da peregrinação de Faustyna por inúmeros conventos, o seu confessor, no entanto, manter-se-ia sempre o mesmo e, em resultado da relevância que este teria no processo de amplificação do culto, Plock acabaria por perder a importância de ser o lugar onde se dera a primeira aparição para Vínus ou Cracóvia, onde o culto vem à luz do

dia e se fixa, respectivamente. Uma vez mais, não se equivoca o Altíssimo nas suas escolhas – VÍlnius, ou melhor, *Wilno*, é entendido como último bastião polaco num território que lhe pertencera. Todavia, nem o facto de 70% da população ser de origem polaca parecia refrear esse ensejo lituano e bielorrusso de integrar a cidade nos seus territórios. A divulgação inicial do culto, feita em polaco e por um padre igualmente polaco, destina-se a todos os crentes, mas, em especial, aos que porventura reconheçam na religião católica mais um elemento, senão a base, dos seus ideários e pretensões nacionalistas, ora tão ameaçados pela possibilidade de integração noutra país, pelo comunismo e pela certeza de um novo conflito europeu. VÍlnius teria, ainda que aquela aparição se tivesse dado em Varsóvia e não em Plock, a conjuntura de crise necessária à recepção e divulgação daquele fenómeno, que seria ali pertinente às necessidades físicas e espirituais desse substrato que o recebe. Mais: tanto representava para o nacionalismo polaco que a sua perda importaria aparentemente mais que a sua manutenção na *Rzeczpospolita* na edificação dessa mitomania nacional – para o culto, viu-se já, tal perda seria determinante.

É fácil compreender como a aparição aporta a Cracóvia – uma Faustyna Kowalska moribunda passaria os últimos anos de vida transitando entre hospitais e conventos, sendo o derradeiro nesta cidade. De facto, nem tampouco compreender como esta cidade virá a assumir, de forma tão particular, quase todo o culto, é mais difícil, conhecendo a conjuntura do pós-guerra e algumas condições. Por um lado, e ainda que para o governo polaco no exílio nunca deixe de ser entendida como a capital, Varsóvia fora reduzida a escombros durante a guerra; comparativamente, os danos materiais infligidos a Cracóvia seriam quase nenhuns – e a cidade continua a reunir, como nenhuma, um amplo conjunto de símbolos pátrios, como o *Hejnal*, como os montes *Kosziuczki*, *Pilsudski*, *Krakus* e *Wanda*, e o próprio castelo *Wawel*, sobranceiro ao Vístula, que alberga, para além dos túmulos de inúmeros reis polacos, o sarcófago do próprio Pilsudski. Por outro, e face a uma Varsóvia que começa a reconstruir-se também sob o auxílio soviético, Cracóvia persiste, conservadora, ainda como residência dessa “*alma mater*”⁸ cultural, que a é a Universidade Jaguelónica; persiste nessa sobranceira por que, ainda hoje, apoda os varsovianos de *partisans* e se refere a *Nowa Huta* como subúrbio soviético habitado por uma estranha gente de leste. Fora cidade principal dessa *Galicja*, que poucos anos antes conhecera uma rebelião nacionalista ucraniana, deportações e deslocações forçadas. Cracóvia diz ter, finalmente, uma igreja para cada dia do ano. No cômputo geral da reorganização do espaço político e da distribuição dos poderes, que coubesse a Varsóvia o centro de uma vida política e económica que, nem que doutrinariamente, não seria bem recebida em Cracóvia. Esta jogaria o seu papel como reduto possível do catolicismo polaco –

⁸ Foi o próprio João Paulo II que assim a apodou em discurso.

e jogá-lo-ia bem, como o mostraria a História.

Resta, então, encerrar em torno de um último aspecto a apresentação e comparação das aparições aqui levada a cabo. Os fenómenos tratados, a despeito da relevância que pronto viriam a assumir, prestaram-se habilmente aos propósitos por que haviam ocorrido. Não é, no entanto, a sua natureza original que os assemelha; antes a sua capacidade, dir-se-ia recorrente, de mudar em função desses mesmos propósitos. Em verdade, também não é certo que estes possam ter sido os mesmos sempre; mas parece indubitável que num determinado momento da História confluíam, numa mesma direcção e pessoa. A aparição de Faustyna serviria para manter vivo, numa Polónia que seria queria expurgada desse mal, o catolicismo e, assim, de um nacionalismo que reflecte essa simultânea necessidade de um patriotismo conservador. A partir de Portugal, Fátima saber-se-ia bastião religioso da luta contra o comunismo, quer no que isso se prestava a legitimar a autoridade do próprio estado português, quer no legitimava, num domínio muito mais amplo, a própria Igreja a imiscuir-se em questões políticas. Não estranharia, portanto, a importância que ambas as aparições e cultos assumiriam no pontificado de João Paulo II, que igualmente a ambos geminaria e reconheceria um papel determinante no propósito para lhe cabia agora a ele cumprir e que ele mesmo iria fechar – fora bem justa causa, todavia, para que certa vez o Divino se tivesse interessado por política... ou a política pelo divino! Viessem outras aparições e milagres que estes, conforme a natureza do terceiro segredo de Fátima virá provar, se foram gastando.

Bibliografia:

- AAVV (1962) “analfabetyzm” Em: *Wielka Encyklopedia Powszechna PWN*. Państwowe Wydawnictwo Naukowe, Warszawa: 232,233.
- AAVV (1991) *Jesus, eu confio em vós*. Edições MIC, Fátima.
- ANDRESKI, S. (1981) “Poland”. Em: S.J.Woolf (coord.) *Fascism in Europe*. London, Methuen:171-189.
- BISKUSPI, M.B. (1987) "Paderewski, Polish Politics, and the Battle of Warsaw, 1920". *Slavic Review*, vol. 46 (3/4): 503-512.
- CABRAL, Manuel VILLAVARDE (1976) *Portugal na alvorada do século XX: forças sociais, poder político e crescimento económico de 1890 a 1914*. Col. Biblioteca de História, nº5, A Regra do Jogo, Lisboa.
- (1993) *The demise of liberalism & the rise of authoritarianism in Portugal, 1880-1930: an inaugural lecture from the Department of Portuguese & Brazilian Studies*. Kings

- College London, London.
- CASTRO, Armando (1979) *A Economia Portuguesa do Século XX (1900-1925)*. Edições 70, Lisboa.
- DROZDZOWSKI, Marian Marek, ed. (1996) „Międzynarodowe aspekty wojny polsko-bolszewickiej, 1919-1920”. Em: *Antologia tekstów historycznych*. Instytut Historii PAN, [s.l.].
- FIDDICK, Thomas C. (1973) "The 'Miracle of the Vistula': Soviet Policy versus Red Army Strategy". *The Journal of Modern History*, vol. 45 (4): 626-643.
- (1990) *Russia's Retreat from Poland, 1920*. Macmillian Press, [s.l.].
- MARGARIDO, Alfredo (1975) *A introdução do marxismo em Portugal: 1850-1930*. Guimarães & Ca., Lisboa.
- MARQUES, António Henrique de OLIVEIRA [s.d.] *Ensaio de história da I República Portuguesa*. Col. Horizonte Histórico. Livros Horizonte, Lisboa.
- MEDEIROS, Fernando (1978) *A Sociedade e a Economia Portuguesas nas Origens do Salazarismo*. A Regra do Jogo, Lisboa.
- ODZIEMKOWSKI, Janusz (2004) *Leksykon Wojny Polsko-Rosyjskiej 1919-1920*. Rytm, [s.l.].
- OLIVEIRA, César (1973) “A Revolução Russa na Imprensa Portuguesa da Época”. *Análise Social*. (Lisboa), vol.10 (40): 790-811.
- PINTO, António COSTA (2004) “A queda da 1ª República Portuguesa: uma interpretação” in *Elites e poder: a crise do sistema liberal em Portugal e Espanha (1918-1931)*. Lisboa: 165-183.
- PINTO, António COSTA e TEIXEIRA, Nuno SEVERIANO, coord. (2000) *A Primeira República Portuguesa: Entre o Liberalismo e o Autoritarismo*. Colibri, Lisboa.
- PRUSZYNSKI, Mieczysław (1995) *Dramat Piłsudskiego: Wojna 1920*. Polska Oficyna Wydawnicza BGW, [s.l.].
- SANTO, Moisés ESPÍRITO (1995) *Os Mouros Fatimidias e as Aparições de Fátima*. Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, FCSH-UNL, Lisboa.

Fontes digitais:

<http://paginas.terra.com.br/arte/leiam/fatima1.html> [consultado em 12.11.07].

<http://www.fatimavirtual.com> [consultado em 14.11.07].

<http://www.santuاريو-fatima.pt/> [consultado em 14.11.07].